

De um lado o duplo, do outro o animalista e, entre estes dois polos a abstracção, agindo. Como se dissessemos: eis o simbólico, veja-se a sua recusa. É dentro destes parâmetros que se abre e se fecha esta exposição de dois artistas novos: Susana Piteira e Canau Espadinha. O duplo, ou o duplo que a si próprio se multiplica, no caso da primeira, não é verdadeiramente o retrato, assim como os animais que o segundo desenha e grava não são verdadeiramente exemplos do animalismo, como género. Se Susana Piteira abstractisa, por sua vez, gravando também, como escultora objectualisa. Se o espaço abstracto existe para ela a partir do plano da chapa e do papel, a escultura é, antes, espaço conceptual e espaço real, ocupado e percorrível. A abstracção possível de uma instalação, como a que nos mostra, é a que lhe consente o seu enigma e não com certeza aquilo que invoca.

Algo de relacionável, não obstante as evidentes e imediatas dissemelhanças, com Canau Espadinha e os seus "bichos": também um espaço de abstracção, como campo não identificável, existe nessas gravuras e desenhos, independentemente da sua imposição figurativa tão evidente. Porém, só interessa constatar essa qualidade para atingir outra, de que se falava acima, entre citações de afirmação e de recusa: a presença do simbólico. Na obra dos dois artistas parece haver idêntica vocação para o significado indirecto das imagens, através de um chamamento de vozes que altera a simplicidade e a vulgaridade figurativas. O rosto, o auto-retrato é sobretudo máscara e, como máscara, é mais o seu duplo do que o retrato. Se o retrato é registo, é documento — com todos os valores que se lhe devem dispensar — a máscara-duplo é a interrogação sobre esse possível registo. Projecta a ambição e a dúvida, o desejo e a contemplação também. É, por isso mesmo, anunciadora de uma dimensão intemporal, de uma realidade que a ela própria pertence, como no sonho. A instalação de Susana Piteira deslocando o mesmo rosto, exactamente, pelos diversos pontos do espaço, em vez de o dispersar, concentra-o num cerco contraditório e perturbador. Tal como os sentimentos, os actos e as paixões.

Canau Espadinha também se divide, ou melhor, se reparte por uma imagem que retorna sempre ao "touro primordial", ao animal das liturgias e das invocações com que começou, nas grutas, a notícia da arte; as suas representações de um imaginário mundo animal trazem para o presente uma figuração perdida, todas parecem pertencer a um bestiário redescoberto que teria sido posto, hoje, — haverá alguma ironia nisso — em plena surpresa e absurdo, em uso e circulação mítica. Personagens de fábula, dela nos provém e a ela pertencem. Podem, mesmo, passar em campo aberto, podem mesmo ter aquela quietude agressiva das estátuas, do que é antigo e existe. Os seus touros, minotáuricos, pastoris ou de lide, continuam a ser lunares, perigosos e mediterrânicos. São deuses ou suas encarnações, o mal e o bem está com eles: também aqui os sentimentos, os actos e as paixões encontram as suas crenças mais profundas e os seus símbolos, aquilo que de imediato se não diz, mas se torna, pressentimo-lo, não inteligível, mas presente.

Algo de narcísico existe no duplo que é afinal a máscara, algo de dionísico há nos animais que conduzem sempre à imagem primeira, ao touro primordial. Narcisismo não é necessariamente, e só, elogio do eu. É, também, a procura da imagem, da mais bela imagem, aquela que, a partir de nós mesmos, idealmente desejamos. Um pouco como a arte que, creio, não poder existir, se vale a pena, sem ela ou ignorando-a. Como não pode, tampouco, assim o creio ainda, sem se dirigir ao sagrado. É o seu próprio terreno, é o terreno onde sabemos, sem o sabermos, o único onde amamos sem dúvida. E, quer um, quer outro destes dois territórios de criação só simbolicamente podem ser atravessados. É o que tão bem mostram, no lúdico seu fazer, estes dois jovens artistas.



- A programação anual de galeria de exposições temporárias do Museu Municipal-Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique, baseando-se em critérios de qualidade, está atenta à divulgação da produção de artistas portugueses, sem por isso advogar um conceito estreito de nacionalismo, que não faria sentido, numa região turística e aberta ao mundo como é o Algarve.
- A não existência no Museu de um acervo representativo de Arte Moderna, lacuna que se deseja ver cabalmente suprida a médio prazo — e que está aliás a ser devidamente ponderada no projecto de reestruturação museológica em curso — justificam duplamente a atenção que nos merecem as manifestações artísticas em que a inovação e a experimentação são marcas dominantes.
- A Exposição que ora se apresenta, de Susana Piteira e Canau Espadinha, nas modalidades de Escultura, Desenho e Gravura, insere-se nestes parâmetros de programação.

Ambos com uma carreira artística que, sendo breve se apresenta não obstante já promissora, definem-se pela afirmação de itinerários conceptuais próprios, que se experimentam num “multiformismo”, emergindo de forma clara, a nosso ver, a opção escultórica no caso de Susana Piteira, em cuja obra se pressente a busca de uma conciliação entre os arquétipos formais clássicos e os de uma estética liberta, de sinuosos volumes, tentativa de um abraço eucuménico...; e, no caso de Canau Espadinha, em que a técnica da gravura reforça o traço vigoroso e a força expressiva de um imaginário simbólico, particularmente centrado numa temática animalista mitológica.



EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS
MUSEU MUNICIPAL DE FARO
DE 15 DE FEV. A 15 DE MARÇO

PELOURO DA CULTURA — CÂMARA MUNICIPAL DE FARO